

eleição presidencial **Líderes do PMDB** *discutem alternativas* **para eleição de 2002**

Christiane Samarco*
de Brasília

Líderes do PMDB articulam uma "rota de fuga" para o caso de o governo Fernando Henrique Cardoso fracassar a médio prazo. O alto-comando do partido recusa-se a abandonar o governo agora, mas já trabalha uma alternativa de poder no campo das oposições, para enfrentar a eleição presidencial de 2002.

Foi esse o objeto da conversa que o presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), teve ontem com o governador de Minas Gerais, Itamar Franco (PMDB). O deputado propôs ao governador um acordo de procedimento: cada um — partido e governo mineiro — deve seguir seu caminho sem atacar o outro, para não pôr a perder a alternativa da parceria na corrida presidencial.

"Temos que conviver e caminhar juntos", disse Temer ao governador, que veio a Brasília para a posse do novo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Carlos Velloso. Temer

deixou claro que é impossível para o partido "desembarcar" do governo agora, porque ele é o único dos seis governadores do PMDB que prega o rompimento, tese que também desagrada pelo menos 90 dos 102 deputados federais. "Tendo os pés no chão, vemos que não há condições de romper com o governo agora, e nem é esse o nosso desejo", insistiu o presidente da Câmara, em nome da cúpula dirigente do PMDB.

Itamar foi receptivo à proposta. Adiantou que faria em eleições gerais no País, mas apenas para responder à provocação de seu antecessor e desafeto, o ex-governador tucano Eduardo Azeredo, que acusara sua administração de inoperância. Mas não parou aí. Seguiu pedindo uma Comissão Parlamentar de In-

quérito (CPI) para apurar a interferência do presidente na privatização da Telebrás. "O Congresso tem o poder de fiscalizar o Executivo no momento em que há promiscuidade do Executivo", observou.

O PMDB reconhece que convivência com Itamar é difícil, porque ele está sempre atacando o governo e criticando a solidariedade que o partido empresta ao presidente Fernando Henrique. Mas a ordem é contornar as divergências porque um pode ser muito útil ao outro, já a partir das eleições municipais do ano que vem. Estruturado em praticamente todos os municípios, o PMDB é um excelente abrigo para um candidato a presidente. Por outro lado, se fracassar o projeto da "virada desenvolvimentista do governo", para retomar o crescimento econômico e a popularidade que já

atingiu os mais baixos índices, o PMDB não vai hesitar em pular no barco de Itamar Franco na disputa de 2002.

O empenho do PMDB em des-

cartar a CPI das privatizações é mais pelas conveniências de poder do próprio partido do que por solidariedade ao presidente. Na hipótese do pior resultado das investigações, o que inviabilizaria a administração FHC, restaria ao PMDB conviver com o governo do vice-presidente, Marco Maciel. E isto não interessa nem ao PFL do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (BA), que não quer abrir espaço para o grupo do presidente do partido, Jorge Bornhausen (PFL-SC), com o qual rivaliza, nem tampouco ao PMDB. "Nós preferimos tocar a aliança com os tucanos, que são amadores, do que com esse PFL que é profissional nas articulações do poder", resume um peemedebista.

* Colaborou Jamil Chade.

"Tendo os pés no chão, vemos que não há condições de romper com o governo agora, e nem é esse o nosso desejo", diz Temer